



ABADO, 7 DE NOVEMBRO DE 1925

Há dinheiro para os cavalos do circuito hípico mas para a instrução não há verba

Anteontem, um amigo nosso, estudante dumha Universidade, conta-nos com mágoa que no museu de História Natural da Faculdade de Ciências chove com abundância. Aquelha museu é dos mais valiosos e interessantes. A sua utilidade com referência ao estudo de ciências naturais é, como se comprehende, importantíssima. Possui exemplares raríssimos, alguns fósseis curiosos e esplêndidas coleções de aves embalsamadas das mais distantes regiões do globo. Um museu dessa natureza num país organizado seria objecto dos maiores cuidados e atenções.

Em Portugal, não tem verba para se manter. O Estado, não querendo gastar dinheiro, deixa deteriorar e perder um museu que vale infinitamente mais do que a verba necessária à sua conservação. A chuva vai-se infiltrando no museu. Um pingo de água que caia sobre algum daqueles exemplares delicados de aves é o bastante para destruí-los. As pessoas a quem compete zelar pela conservação daquelas preciosidades científicas, sabem-no, são as primeiras a lamentar o que se está passando; mas a falta de verba obriga-as a vêr, de braços cruzados, impotentes, a lenta destruição do que, mesmo por dinheiro, dificilmente, por vezes, se pode substituir.

Este facto que apontamos é a repetição de uma série infinita de factos que ocorrem, presentemente, em quase todas as escolas e universidades do país, cuja manutenção esteja a cargo do Estado.

Tudo se perde, nada funciona normalmente—por falta de verba. Nos liceus, nas escolas de ensino superior, as aulas práticas de física e de química e os laboratórios lutam com falta de materiais, de aparelhos que tornem profícuo esse ensino prático. É necessário, por vezes, improvisar aparelhos para se poder realizar um certo número de experiências. O ensino, assim, torna-se deficiente e enfadonho para o aluno e para o professor.

Pois, a-pesar da instrução se encontra abandonada, esquecida dos poderes públicos, ainda há quem se assuste perante a hipótese de ser levara a efeito a projectada reforma.

Nadimira-nos, porém, que o Estado nunca tenha verba, já não diremos para reformar, mas para manter decentemente as instituições escolares, quando é certo que o tem para pagar os cavalos que, numa prova hípica estúpida e bárbara, rebentam em proveito do Diário de Notícias—em proveito dos bons negócios do Diário de Notícias.

Calcula-se em 150 contos o valor dos cavalos inutilizados no circuito hípico de Portugal. Os cavalos eram do Estado—o Estado é que perde. Quem espatifou esse dinheiro? Alguns oficiais do exército que têm tempo para estas paródias cavaleiras. Bem basta o que a oficialidade, a manutenção do exército custam ao país (279 mil contos), bem basta isso! O exército não tem outra missão em Portugal senão a de gastar o dinheiro que o Estado arranca à pele do povo.

E' sintomático este contraste: enquanto oficiais do brioso exército espatifam numa corrida de cavalos dezenas e dezenas de contos, o museu de História Natural da Faculdade de Ciências luta com falta de verba, os hospitais não têm recursos, as escolas não têm as rendas das casas pagas em dia, o professorado luta com o desemprego.

E' este um dos mais curiosos aspectos que a sociedade portuguesa nos oferece neste momento.

A Turquia contra o ensino religioso

STAMBUL, 6.—Mustafá Kemal inaugurando a nova facultade de direito de Ágora, declarou que a Turquia republicana repudiou o antigo direito religioso escolástico, e fundará um novo direito sobre a base laico-scientífica.

A comissão encarregada de preparar a introdução do código sulco terminou já os seus trabalhos.

O desarmamento da Alemanha

PARIS, 6.—O conselho dos embaixadores está preparando uma nova nota sobre o desarmamento da Alemanha, a qual contém cinco pontos, que devem estar cumpridos antes da evacuação da zona de Colónia.

CARTA DO PORTO

Um aspecto bizarro da campanha eleitoral em que se cobre a sujeidade das paredes e se descobre a dos políticos

Chove... eleitoralmente falando. Os anelhos da endiabrida política cittadina aparecem à supuração da lama das clientelas partidárias...

Quem tem exultado com esta verdadeira exibição de promessas cativantes, têm as tipografias. As paredes das avenidas, ruas, travessas e vielas da cidade do Porto nunca estiveram, como nesta ocasião de procela urnácea, tão salpicadas de manifestos e cartazes de tão variegadas cores e de tão interessantes tamanhos.

Dir-se-ia que a Grande Porca das fáccoes que se propõe escalar o parlamento, se apostaram, ao verem a imundice de muitas frontarias de edifícios, em forraria de «panfletos» de cívismo caciúqueiro. E' natural que o papel, a tinta e o grude encareçam depois do acto eleitoral — tal é o desusado desbarato que aquelas matérias primas, que podiam ter entra utilidade de maior agrado para a humanidade, têm apanhado nos últimos dias...

Os manifestos de propaganda candidatária, porfisam-se, num desredo de box misséuico e moralão, em duas distintas categorias. Quer dizer: bipartido por um asterisco de duas referências diversas.

No primeira parte, a praga dos programas dos que se propõem acapchar-se em cima do nosso lombo, tricromiam os efeitos dumha girândola de verdadeiras promessas tentadoras: é um autêntico arco-da-velha iriado de frases bombásticas, de palavras mais doces do que o torrão de Alicante, de sorrisos mais fascinantes, mais estonteadores, do que os dumha mulher «queimadora». Os prometidos, os salvadores, atropelam-se num solícito de nos elevar, a nós, país degradado, até os pináculos da lua cheia... de ironias argentinhas.

Oh! mas a segunda parte!

Faz-nos lembrar uma luta titânica entre amantes ciumentos anavanhando-se num alçôco asqueroso... E' uma chiva amaneirinha de insídias traíceiras, que termina por forte aguaceiro de insultos; de acusações, de apodos sangrentos: similitudinamente, são honrados e gatunos...

E' justamente por isto, que os fabiosos proselitos dos «mil-e-um» candidatos que há-de ser votados no domingo entre molas de sangue (é o que tôda a gente espera), se vão antecipadamente entreteando a rasgar os manifestos e cartazes uns dos outros...

E' claro: na apresentação dos exemplares partidários que são propostos para amanhã nos domarem, as apostólicas jogadas são as mesmas que estão «estiladas» nos manifestos empastados pelas esquinas do burgo...

Nem para outra coisa se têm efectuado os comícios das várias nuances, a um dos quais veio um general escamado: o general Gomes da Costa...

Entre tôda esta trágica-comédia eleitoral, o que mais constitui funda emoção foi o tristíssimo concubinato firmado entre os dirigentes dos «bonzos» e dos chamados socialistas. Este «amigão» imoral da social-democracia com o partido democrático conservador, causou uma péssima impressão mesmo entre muitos daqueles que viam no socialismo os nossos marxistas uma esperança... a esperar...

Que decepção! Que descoço! Que vergonha! Eis o estado de espírito de muita gente...

E diz-se: o partido socialista, indo, de cima e puxarinho, para as urnas com o partido democrático, vai implicitamente, de pêndulo com os católicos e os nacionalistas para a burla eleitoral...

O anexim popular observa: «os amigos dos nossos amigos nossos amigos são».

Logo, pois, constituindo o partido democrático um front nacional para a guerra do sufrágio, para cujo front os nacionalistas e católicos deram em alguns pontos do país, a sua aliança por conveniência partidária—os socialistas tornaram-se, ipso facto, amigos dos nacionalistas e monárquicos-católicos, desde que também, pactuaram com os democráticos silvistas, ingressando, nesta «confederação» de listas a pretendentes ao sofá parlamentar, nas fileiras urnáceas dos «bonzos»...

—Por isso—dizem-nos aqui do lado—no comício, ou por outra: na conferência que António Maria da Silva fez em Barros Lima, aquele perseguidor do operariado, a falar da necessidade que os trabalhadores «devem» ter pela defesa... eleitoral da sua república gamelétrica, se virava de vez em quando para o candidato a senador pelo partido socialista português, perguntando-lhe: «Não é verdade, sr. Manuel José da Silva?... Ja nessa ocasião se devia confesar o gigante pelo dedo»...

O pacto odioso dos socialistas tornou-se tanto mais indigno, quanto é certo que o proletariado, mesmo o votante, sabe muito bem que o partido democrático tem sido precisamente aquele que mais tem perseguido a organização operária, que mais tiranias tem exercido sobre o povo trabalhador.

E' por isso mesmo que se diz, à bôca cheia, que uma corrente de sociedades discordantes com o «amigão» vai amenizar o fiasco desta maneira: aproveita-se dos nomes socialistas na lista democrática, riscos os candidatos silvistas—conservadores e substitui-os por... dominiquistas, esquerdistas (canhotos). Assim, os «bonzos» votam pelos socialistas e estes—a parte dissidente—votam por si e pelos canhotos. Estarão os «bonzos» pelos altos?

Quem, também, não gostou da partida, do abandono que foi deitado, foi... o grupo comunista.

—Mas que querem, se o partido «bonzo» dá mais votos? E isto é de quem mais...
—Mas o proletariado ainda tomará a sério esta farça?

C. V. S.

A SAÚDE DO PVO

O mercado dos mortos, feito pelos representantes das agências funerárias, é a última imoralidade do hospital de São José

A evocação dessas figuras de tragédia que subrepeticamente se ocultam nas encruzilhadas do átrio do hospital de São José põe um ponto final na impressionante reportagem do deplorável estado em que se encontra o velho estabelecimento hospitalar.

Admitam que vão para a vala 500. Ficam 2.000 mortos sugestos ao mercado!

— Não há maneira de acabar com a macabria concessão?

— A mim parece-me que não. São direitos adquiridos de que ninguém se quer ver esbulhado.

— Todavia parece-me que a Liga dos Amigos dos Hospitais tinha aqui um ensejo bom para poder marcar: Fazer acabar com este espetáculo, indecoroso de exibição e imoral de costumes.

— Por sua vez a administração dos hospitais, no interesse dos próprios estabelecimentos que superintende, organizaria elas funerárias.

— Pode explicar-nos em que condições a administração faria os enterros?

— Duma maneira simplíssima. Ampliava a oficina de carpinteiro, criando a secção de caixões.

— Com a isenção de algumas formalidades, de que o hospital gosa, cada enterramento se feito num máximo de 150\$00, metade do que cobre uma agência funerária. Admitam agora que as despesas do funeral orçavam por 100\$00. Ai tens tu que cada funeral podia dar ao hospital um lucro de 50\$00 e à família do extinto uma vantagem de 150\$00.

— Pode explicar-nos em que condições a administração faria os enterros?

— Duma maneira simplíssima. Ampliava a oficina de carpinteiro, criando a secção de caixões.

— E' por um lado nos não são gratas as visitas aos meandros da polícia, porque o estendal de misérias morais que ali polui colide com os nossos sentimentos, por outro lado ficámos ainda que fôsse ao inferno para desnudar a Verdade.

— Por isso, foi num a vontade natural que nos encontramos ante o agente de polícia José Augusto, que, diga-se de passagem, dedicadamente nos recebem, mesmo sem desclinarmos a nossa identidade, visto que já nos conhecemos... um conhecimento de adversários, bem entendido.

— Cumpriremos-nos; porque a nossa qualidade de revolucionários não obsta, antes pelo contrário, a que sejamos delicados e correctos, com amigos e inimigos.

— Curta troca de palavras...

— Chamámo-lo para que o senhor ouça as declarações de Quintas...

— Tiramos da algibeira a carta que o Quintas nos dirigira e atalhamos:

— A Batalha não inventa...

— Está muito bem, ela condiz com este auto de declarações que o rapaz há pouco nos fez. Apenas a coação de que ele afirma ter sido vítima não foi de nossa parte.

— Responde-nos o agente, ao mesmo tempo que ordena que tragam o priso ao gabinete.

— Momentos depois aparece o Quintas, cabizinho, côntra ter, descolado, desgrenhado.

— O agente José Augusto dirige-se-lhe:

— Conhece este senhor?

— Conheço, é da Batalha.

— Então, relata tudo que se te ofereça sobre a tua prisão. Fala à vontade.

— O operário Santos Quintas, pausadamente, com um grande assento de franqueza, diz:

— Há muitos meses que eu andava desempregado quase esmolando trabalho pelas fábricas. Exausto, dispuz-me a uma última peregrinação. O resultado foi o mesmo. Quando regressava a casa, tive a infeliz sorte de encontrar pela frente o industrial Artur Silva, que trazia uma pistola que trazia e fiz fogo à fôa e de tal forma que, a-pesar de dizer que o feri no peito, mal o toque num braço.

João Maria Major, vítima duma cabala

A BATALHA ouve no Governo Civil declarações importantes do agressor do industrial Artur Silva, de Setúbal

•Fui preso e conduzido à esquadra, onde o chefe da polícia, sr. Trindade, depois de me aplicar um murro na boca, me disse: — Malandro; foi o Major quem te mandou executar o que fizeste.

•Pretendi protestar mas o chefe puxando da pistola apontou-me dizendo:

— On tu dizes que foi o João Maria Major que te deu a pistola e te mandou matar o sr. Silva ou então mato-te.

•Nisto o sr. Silva, que assistia ao interrogatório, pôs-me a mão sobre o ombro e garantiu-me que se eu culpasse o Major se mandaria mandado em liberdade.

•O sr. Silva, dirigindo-se ao chefe Trindade, esregou as mãos, dizendo:

— Agora sim; há que aproveitarmos este facto para nos vermos livres desse bando do Major!

•Atemorizei-me e dispuz-me a tudo só para que me não matassem.

•Então, e aqui no Governo Civil?

•— Aqui voltei a ser interrogado...

•— Tratámos-te mal? — interrompe o agente José Augusto.

•— Não senhor. Mas eu, ainda sob a pressão dos maus tratos que me deram em Setúbal, continuei a mentir, repetindo a lição que me tinham ensinado...

•— E a acareação? — interrompe ainda o agente.

•— E' verdade. Eu não sei como pude achar deante a deante do João Maria Major acusá-lo de meu cúmplice... menti... tinha medo... — E agora, foi o remorso?

•Santos Quintas fita-nos para logo baixar a cabeça e responde-nos amarguradamente:

•— Sim, o remorso. Pesa-me na consciência o ter arrastado comigo um inocente. O que fiz foi de minha exclusiva responsabilidade... não consultei ninguém... ninguém me aconselhou... a pistola era minha...

•— Então, só depois de dois meses é que você se lembrou de repor as coisas na verdade, quando já foi instaurado o processo e o Major, inocente como está, tem a sua sorte ligada à de você, tendo de aguardar na prisão o julgamento?

•— Confesso: fui fraco, fui covarde, esse é o meu maior crime.

•Estavam terminadas as declarações do Quintas. Dele se apossou novamente o agente que o fôra buscar ao calabouço para ali o reconduzir.

•Despedimo-nos também e retíramo-nos maldisendo esta engrenagem infame que se cobre com os europeus dumha justiça verga, para a qual basta um conluio de meia dúzia de industriais odiosos, o

UM CRIME SENSACIONAL

As contradições de Le Flaouetter e o depoimento de Lannes

O processo Daudet continua a ser uma espécie de «film» dramático, dividido habitualmente em vários episódios.

Em cada uma das audiências precedentes deram-se casos inesperados. Esta, cujo resumo vamos dar, também teve a sua parte interessante: Sabe-se que tinha sido encontrado o anarquista Gruffy, o misterioso Gruffy, em casa de quem Filipe Daudet, duas noites antes de morrer, dormira e deitara os seus fatos.

O testemunho de Gruffy era do mais alto interesse para o processo, mas este, desde o início do drama, desaparecerá e nunca poderá descobrir-se onde ele se encontrava.

Gruffy foi descoberto em Génova, mas como não existe extradição para estes casos, o governo italiano só o enviará para França depois de Gruffy ter sido mundo dum salvo conduto, graças ao qual, depois de ter feito o seu depoimento, poderá voltar para Itália.

Um mistério...

A primeira testemunha a ser ouvida é Duval, um encadernador, cliente de Le Flaouetter que, na tarde de 24 de Novembro de 1923, ficou na loja desde as 14,30 até às 17 horas, a ler vários livros.

Pouco mais ou menos às 16 horas Duval notou à entrada da livraria um rapaz a quem não prestou atenção. Esse rapaz passou por detrás dele, entrou no interior da loja e é algum tempo depois saiu.

A testemunha, que parece ser de boa fé, pouco mais sabe.

Foi nessa tarde que o sr. Duval ouviu a sr. Le Flaouetter dizer, olhando para a rua:

—Olhem para aquilo! Parem aquele e não deixar escapar o que devia ser preso.

O presidente interrogou:

—Foi no momento em que o rapaz saiu, que a sr. Le Flaouetter disse isso?

—Não posso precisar.

—Como se comprehende que a testemunha só se lembra da ida e volta dum único pessoa, quando os polícias afirmam ter visto entrar e sair cerca de trinta a cinquenta pessoas?

Duval não pode explicar essa contradição, não se lembra de mais nada.

É introduzida a testemunha Sacchi, um cliente de Le Flaouetter que obteve várias confidências do livreiro e as comunicou à Action Française.

Pouco depois do crime, Sacchi pedira a Le Flaouetter para o deixar examinar a caixa.

—Ao princípio opôs algumas dificuldades, diz a testemunha, mas como em insistisse mostrou-me o quarto e a cozinha. No momento, porém, em que eu quis entrar na retrete-puchou-me para traz, todo assustado.

—Disse-me mais tarde que não me tinha deixado entrar porque, precisamente nesse momento, a sua mulher estava a fazer a «toilette». Ora nessa época, queria dizer em agosto de 1924, a sr. Le Flaouetter encontrava-se na Bretanha!

A propósito dum pregunta de Leon Daudet, a testemunha afirmou que no dia 16 de Janeiro de 1924, dia da publicação do artigo acusador da Action Française, Le Flaouetter andava com um ar terrorizado.

—Nunca o tinha visto em tal estado! —disse Sacchi.

Segue-se um pequeno incidente entre Daudet, o advogado e Sacchi, mas os ânimos serenam depressa.

Aparece Lannes à barra, que começa a dizer o que se passou no dia 24 de Novembro entre ele e Le Flaouetter e que nós já conhecemos: a visita do livreiro à hora do almoço, o que este lhe contou sobre a confissão de Filipe Daudet em querer matar um político em evidência, etc.

—A testemunha conta em seguida o que fez nesse dia. Comunicou a informação ao sr. Marlier, depois foi para casa. No dia seguinte Le Flaouetter veio visitá-lo outra vez e mostrou-lhe o «eco» da Action Française relatando o suicídio do desconhecido.

Lannes relata os factos pouco mais ou menos como o livreiro o fez no momento do seu depoimento e as suas afirmações pouco ou nada adiantaram.

A maior parte da audiência de 3 do corrente do processo de Daudet foi ocupada pelo prefeito da Corsega, o sr. Marlier, ex-diretor da segurança geral.

Como o de Lannes, na audiência antecedente, o depoimento de Marlier em nada esclareceu o mistério que existe sobre a morte de Filipe Daudet.

No entanto esta sessão correu bastante agitada em virtude das acusações formuladas publicamente contra a polícia e que a imprensa francesa omite na quase totalidade.

A «honradez» do sr. Lannes

A primeira testemunha a depor nesta audiência é o sr. Aubert Bourgin, professor do Liceu Louis-le-Grand e secretário geral da Liga Cívica.

Bourgin não acredita no suicídio do jovem Filipe Daudet. Depois de várias considerações, o professor fala de Lannes. As suas afirmações são dignas de registo para que o público conheça a mentalidade deste chefe de polícia, que no fim de contas não é mais do que o protótipo de todos os polícias.

O sr. Lannes, diz testemunha, prendeu extraordinariamente a minha atenção. Este senhor foi funcionário em Moulins e em Clermont-Ferrand. Ora, a família de minha mulher é originária destes sítios. Um ex-administrador de Lannes, com quem eu

No Barreiro, os radicais, ao pretendem realizar uma sessão eleitoral, foram vaiados pela multidão

BARREIRO, 5.—O partido radical botou ontem em comício público, palavrório ao «pobresinho» do proletariado que, segundo eles, necessita, mais do que nunca, do seu bom agasalho, que também só eles lhe dão.

O proletariado, à orfandade, a todos os pâris de sorte, a todos aqueles que lhes têm enchedo as burras, não lhes vai faltar, porque a todos vão acudir assim que se vejam assentados nos seus *fauteuils* em São Bento.

Estes factos, aliás, foram divulgados por um artigo da *Action Française*, no dia 19 de Julho passado e o sr. Lannes não protestou...

Estas acusações não são de molde a agradar águas que representam a «Justiça» naquela sala. O ambiente é terrível. A maior parte do público sorri irónicamente.

O juiz, em virtude da gravidade daquelas declarações, manda chamar Lannes. Perante ele a testemunha repeete o que acabou de dizer.

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

—Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não comprehendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin:

—Quem foi vítima desses roubos?

—Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se:

—Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como elas se chamam.

—Concastelle, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu esfento.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarrado, pregunta ao professor:

—O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

—A plena consciência, senhor juiz!

O prefeito da Córsega acusa Daudet de immoral...

A testemunha Marlier, que depõe a seguir, começa por relatar o que se passará no dia 24 de Novembro, isto é, a visita de Lannes, que lhe veio contar o que se passara com Le Flaouetter.

Refere-se, em seguida às ordens que dera sobre o caso e afirma, por fim, o seguinte:

—Até esse momento, não estableci correlação alguma entre o suicídio no «taxi», relatado pela *Action Française* e o suicídio de Filipe Daudet.

—Ordenei ao sr. Lannes de procurar informações complementares em casa do livreiro e disse a Delange para ir ao hospital Lariboisière.

—Foi depois disso que soube, pelo chefe do gabinete do ministro, que o filho de Daudet fora transportado para Lariboisière.

Neste momento, o juiz pede à sr. Daudet para sair da sala. Vai-se falar nos relatórios orais da polícia, relatórios que tiveram o dom de indignar toda a assistência.

Não nos deslaremos em pormenores.

João Daudet é avô das mais indecentes acusações (não sabemos se verdadeiras ou não, e isso não nos interessa).

Causa simplesmente asco, vermos qual o papel a que a polícia se prestou naquela audiência.

O advogado de Rous chega a exclamar:

—Desde o processo de Maria Antonieta que se não ouviam tais infâmias!

Quasi no fim da audiência Leão Daudet tem o seguinte dito:

—Colomer, Gruffy, Vidal bem como os seus patrões Lannes, Marlier, Delange, irão presas contas à guilhotina.

Esta frase de Daudet define bem o seu ódio vicioso aos anarquistas, misturando-os e confundindo-os iniquamente com a polícia.

—A testemunha Marlier, que depõe a seguir, começa por relatar o que se passará no dia 24 de Novembro, isto é, a visita de Lannes, que lhe veio contar o que se passara com Le Flaouetter.

Refere-se, em seguida às ordens que dera sobre o caso e afirma, por fim, o seguinte:

—Até esse momento, não estableci correlação alguma entre o suicídio no «taxi», relatado pela *Action Française* e o suicídio de Filipe Daudet.

—Ordenei ao sr. Lannes de procurar informações complementares em casa do livreiro e disse a Delange para ir ao hospital Lariboisière.

Neste momento, o juiz pede à sr. Daudet para sair da sala. Vai-se falar nos relatórios orais da polícia, relatórios que tiveram o dom de indignar toda a assistência.

Não nos deslaremos em pormenores.

João Daudet é avô das mais indecentes acusações (não sabemos se verdadeiras ou não, e isso não nos interessa).

Causa simplesmente asco, vermos qual o papel a que a polícia se prestou naquela audiência.

O advogado de Rous chega a exclamar:

—Desde o processo de Maria Antonieta que se não ouviam tais infâmias!

Quasi no fim da audiência Leão Daudet tem o seguinte dito:

—Colomer, Gruffy, Vidal bem como os seus patrões Lannes, Marlier, Delange, irão presas contas à guilhotina.

Esta frase de Daudet define bem o seu ódio vicioso aos anarquistas, misturando-os e confundindo-os iniquamente com a polícia.

—A testemunha Marlier, que depõe a seguir, começa por relatar o que se passará no dia 24 de Novembro, isto é, a visita de Lannes, que lhe veio contar o que se passara com Le Flaouetter.

Refere-se, em seguida às ordens que dera sobre o caso e afirma, por fim, o seguinte:

—Até esse momento, não estableci correlação alguma entre o suicídio no «taxi», relatado pela *Action Française* e o suicídio de Filipe Daudet.

—Ordenei ao sr. Lannes de procurar informações complementares em casa do livreiro e disse a Delange para ir ao hospital Lariboisière.

Neste momento, o juiz pede à sr. Daudet para sair da sala. Vai-se falar nos relatórios orais da polícia, relatórios que tiveram o dom de indignar toda a assistência.

Não nos deslaremos em pormenores.

João Daudet é avô das mais indecentes acusações (não sabemos se verdadeiras ou não, e isso não nos interessa).

Causa simplesmente asco, vermos qual o papel a que a polícia se prestou naquela audiência.

O advogado de Rous chega a exclamar:

—Desde o processo de Maria Antonieta que se não ouviam tais infâmias!

Quasi no fim da audiência Leão Daudet tem o seguinte dito:

—Colomer, Gruffy, Vidal bem como os seus patrões Lannes, Marlier, Delange, irão presas contas à guilhotina.

Esta frase de Daudet define bem o seu ódio vicioso aos anarquistas, misturando-os e confundindo-os iniquamente com a polícia.

—A testemunha Marlier, que depõe a seguir, começa por relatar o que se passará no dia 24 de Novembro, isto é, a visita de Lannes, que lhe veio contar o que se passara com Le Flaouetter.

Refere-se, em seguida às ordens que dera sobre o caso e afirma, por fim, o seguinte:

—Até esse momento, não estableci correlação alguma entre o suicídio no «taxi», relatado pela *Action Française* e o suicídio de Filipe Daudet.

—Ordenei ao sr. Lannes de procurar informações complementares em casa do livreiro e disse a Delange para ir ao hospital Lariboisière.

Neste momento, o juiz pede à sr. Daudet para sair da sala. Vai-se falar nos relatórios orais da polícia, relatórios que tiveram o dom de indignar toda a assistência.

Não nos deslaremos em pormenores.

João Daudet é avô das mais indecentes acusações (não sabemos se verdadeiras ou não, e isso não nos interessa).

Causa simplesmente asco, vermos qual o papel a que a polícia se prestou naquela audiência.

O advogado de Rous chega a exclamar:

—Desde o processo de Maria Antonieta que se não ouviam tais infâmias!

Quasi no fim da audiência Leão Daudet tem o seguinte dito:

—Colomer, Gruffy, Vidal bem como os seus patrões Lannes, Marlier, Delange, irão presas contas à guilhotina.

Esta frase de Daudet define bem o seu ódio vicioso aos anarquistas, misturando-os e confundindo-os iniquamente com a polícia.

—A testemunha Marlier, que depõe a seguir, começa por relatar o que se passará no dia 24 de Novembro, isto é, a visita de Lannes, que lhe veio contar o que se passara com Le Flaouetter.

Refere-se, em seguida às ordens que dera sobre o caso e afirma, por fim, o seguinte:

—Até esse momento, não estableci correlação alguma entre o suicídio no «taxi», relatado pela *Action Française* e o suicídio de Filipe Daudet.

—Ordenei ao sr. Lannes de procurar informações complementares em casa do livreiro e disse a Delange para ir ao hospital Lariboisière.

Neste momento, o juiz pede à sr. Daudet para sair da sala. Vai-se falar nos relatórios orais da polícia, relatórios que tiveram o dom de indignar toda a assistência.

Não nos deslaremos em pormenores.

João Daudet é avô das mais indecentes acusações (não sabemos se verdadeiras ou não, e isso não nos interessa).

Causa simplesmente asco, vermos qual o papel a que a polícia se prestou naquela audiência.

MARCO POSTAL

Silves. — *Augusto Passarinho*.— Recebe-
mos 23\$00. Assinatura paga até 22 de Julho.
p. p. O dinheiro de que fala, para os livros,
não recebemos.

Cascais. — *S. U. dos Operários da In-
dústria de Conservas*.— Recebemos ofício
mas não veio. E' favor enviá-lo com urgê-
ncia.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

Q.	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 7,10
S.	13	20	27	Desaparece às 17,31
S.	14	21	28	FASES DA LUA
D.	15	22	29	L.C. dia 20 às 8,12
S.	16	23	30	Q.M. 8 15,13
T.	17	24	—	L.N. 8 16,13
				Q.C. 8 23 2,06

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,50 e às 7,17
Baixamar às ... e às 0,20

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9525	
Madrid cheque	2882	
Paris, cheque...	881	
Suíça, ...	379	
Bruxelas cheque	889	
New-York, ...	1065	
Amsterdão ...	792	
Itália, cheque...	778	
Brasil, ...	3000	
Praga, ...	559	
Suécia, cheque.	527	
Austrália, cheque	278	
Berlim,	469	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Nacional. — Às 21—Miragem.
São Carlos. — Às 21,15—A Rajada.
Politeama. — Às 21,30—Zilda.
Ariosto. — Às 21,15—O Saltimbancos
Gimnasio. — Não há espetáculo.
São Luís. — Às 21 — A Montaria e «Canção do Olímpio».
Benfica. — Às 21,15—O Pão de Ló.
Eben. — Às 21,15—No país de turismos.
Maria Vitoria. — Às 20,30 e 22,30 — «Rataplan».
Coliseu. — Às 21—Companhia de circo.
Salão Foy. — Animatógrafo e Variedades.
Círculo Vicente (à Graça). — Às 20—Animatógrafo.
Brenha. — Às 21—Todas as noites. Concertos e di-
versões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Ter-
races — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança
— Torreto — Cine Paris.

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

AVISO AO PÚBLICO

edição de remessas retardadas e ou-
tros volumes existentes nas linhas
do Sul e Sueste

Faz-se público que no dia 9 e seguintes
do mês de novembro próximo futuro, pelas
11 horas e na estação do Barreiro, proce-
der-se há à venda em hasta pública, em
harmonia com o artigo 144º da Tarifa Ge-
ral, de todas as remessas incursas nos res-
pectivos prazos, bem como de outros vo-
lumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consi-
gnatários de que poderão ainda reitar as
s suas remessas pagando os débitos à Ad-
ministração, para o que deverão dirigir-se à
Seção do Tráfego e Reclamações, no edifício
da Direcção em Lisboa, todos os dias
úteis até ao dia 7 do mesmo mês, das 11 as
16 horas.

Entre outras, encontram-se as seguintes
remessas:

N.º 80.559, de Lisboa-J a Setúbal, 10 ca-
ixas com folha; n.º 81.407, de Lisboa-J a
Setúbal, 2 tambores de carbureto; n.º 3.928,
de Lagos a Lisboa-J, 5 barricas com corvi-
na; n.º 32.950, de Olhão a Lisboa-J, 4 sacos
de açúcar e 8 de arroz; n.º 28.723, de V.
Novas a Barreiro, 1 vagão de palha; n.º
22.324, de Martingança a Faro, 4 barricas
de cimento; n.º 69.063, de Lisboa-S. A. a
Alcácer, uma quarto com peixe; n.º 83.590,
de Setúbal a Lisboa-J, 26 sacos de feijão e
5 caixas de mercearias; n.º 65.753, de Pombal a
Setúbal, 62 pacotes de madeira, etc.

Sobre a importância da arrematação co-
brar-se há mais 3 %.

Lisboa, 26 de outubro de 1925.—Pelo en-
genheiro-director, José de Jesus Pires.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS
PLANTAS, livro útil às boas donas de casa.
Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.
Pedidos à administração de A Batalha.

— «Uma vassala resgatou a coroa ao descendente
dos reis francesos.»

A Inglaterra, a Igreja, a cavalaria francesa, Car-
los VII e o seu conselho, todos têm interesse que a
Donzela seja queimada viva... E será assada, ainda
que eu próprio tenha de acender a fogueira...

O bispo Cauchon, rindo—É demasiado zélo, cí-
nico! A dossa santa madre Igreja, na sua misericor-
dia infinita, manda as pessoas a fogueira, mas não as
queimam com as suas mãos maternais; a execução
diz respeito ao poder secular...

«Ora, graças ao seu concurso espiritual, assim há-de
suceder com Joana; ela será assada como herética
reincidente, e a Igreja católica mostrar-se há até ao
fim cheia de clemência para com a impenitente. O
nosso triunfo terá consequências de uma extrema im-
portância nas quais o senhor nem sequer pensa. Joana
tornar-se-há, até mesmo aos olhos dos seus partidá-
rios, a mais despresível das criaturas... Nós quei-
mamos-lhe o corpo e aviltamo-la para sempre.»

O conego Loyseleur. — Então de que maneira, se-
nhor? Não comprehendo bem...

O bispo Cauchon.—Amanhã lhe provarei o que
agora avançou; procuremos também que partido pode-
remos tirar para os nossos fins, da espantadiça casti-
dade dessa endiabrada rapariga, visto que, Deus me
perdoe, ela ainda está virgem. Porém a noite adian-
ta-se, vá tomar algumas horas de repouso, meu filho;

é preciso que amanhã, ao romper da alva, se ache do-
cente e lastimoso, açoertado de pés e mãos, deitado
sobre a palha na prisão de Joana.

O conego sae, o bispo fica sósinho ocupado a pre-
parar as diferentes peças do processo e a formular
uma série de quesitos baseados nos actos e nas pal-
avras de Joana a Donzela.

Ainda é noite escura; uma lâmpada alumia débil-
mente as trevas do cárcere subterrâneo da velha torre
do castelo de Ruín; as suas paredes esverdeadas go-
rigejam da humidade do inverno: uma estreita abertura,

A

sair por estes dias a 8.ª SÉRIE
DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profun-
samente ilustrado desde as primeiras
idades do homem até à revolução
francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10
tomas com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos
Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essen-
ciais, pelo engenheiro João Perpétuo da
Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por
Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista?

Capitalista? libertária? sindicalista? — Coli-
gação das esquerdas — A transformação da
República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

O Primeiro Congresso Feminista e de
Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão.
Preço 10\$00.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático
em verso), por Campos Lima. Preço 2\$00.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas),
por Ferreira de Castro. Preço 8\$00.

Os Três Milagres do Convento (contos),
por António Passos. Preço 5\$00.

A História do Movimento Macnovista
(Revolução dos camponeses na Rússia dos
Sóvietes), por Archinoff. Preço 10\$00.

A venda em todas as livrarias
e na administração de A Batalha. — (Desconto aos
revendedores).

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo
russo como reacção contra o espírito
revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Archinoff

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO
MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor
e exactidão a revolução dos camponeses
esmagada pelo governo dos soviétes.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00

A venda em todas as livrarias
e na administração de A Batalha.

Desconto aos revendedores.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,
Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

é inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas
farmácias e drogarias —

Pó Anti-blenorragico

É o mais poderoso combatente das ble-
norragias crónicas e recentes. Resultados

immediatos e comprovados pelo distinto mé-
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim. 440—PORTO

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando

Nunes—Às 4 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—
4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães
—10 horas.

Fele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11
às 4 horas.

Doenças erovas, electroterapia—Dr. R.

Lotto—4 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—
2 horas.

Gengibre, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oli-
veira—4 horas.

Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—
8 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—
2 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—
—5 horas.

Ecas e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e radio—Dr. Cabral de Melo—4
horas.

Reio X—Dr. José de Pádua—4 horas.

Anaélos—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

Esta casa recomenda-se pelos seus
preços muito económicos e pela soli-
dade do calçado que vende.

Pois fabrica tudo que vende, gran-
des descontos para revenda.

Visitem este estabelecimento

e comparem as suas condições de venda,
pedidos ao Telefone Norte 5.509

Sapataria Ideal Campolide

de João da Costa Campos

Rua General Taborda, 9-B.

e Rua Conde das Antas, 108

A BATALHA

A JUSTIÇA É A ANTÍTESE DA POLÍTICA

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

A greve dos corticeiros prossegue com grande coesão e entusiasmo

Aderiram ao movimento os corticeiros de Messines

Faz hoje oito dias que a classe corticeira, de tão gloriosas tradições, abandonou o trabalho e se lançou num grandioso movimento grevístico contra a baixa de salários que os industriais pretendiam levar a efeito. Oito dias decorridos, o movimento iniciado apenas em algumas localidades, estende-se hoje aos principais centros de cortiça com um efectivo de grevistas superior a 12.000 homens.

Os industriais corticeiros, provocadores desta luta de gigantes, não quiseram mais saber da sorte dos seus operários que são, quem lhes permite um viver mais desafogado. Só para hoje é que eles convocaram uma reunião na secção de cortiça da Associação Industrial Portuguesa que se ocupa da greve.

Que resolverão os industriais corticeiros na reunião de hoje?

Resolverão respeitar os salários dos operários, fazendo terminar a greve?

Seria a resolução mais inteligente, aquela que as circunstâncias determinam, que se tóme.

Mas, seja como for, resolvam ou não os industriais, o que é certo é que a classe corticeira só voltará às fábricas quando lhe forem respeitados os salários. E a prová-lo estão as adesões registadas todos os dias.

Ontem foi a notificação de adesão à greve dos corticeiros de São Bartolomeu de Messines que ali se mantém hereticamente.

Amanhã será a do operariado dos outros centros industriais corticeiros onde igualmente palpitava o mesmo anseio de vida.

Nota do Comité da greve

Camaradas: Prossegue altivamente o movimento grevístico iniciado no passado sábado pela nossa Federação. Dada a coesão que se verifica entre os grevistas o Comité crê que os industriais terão que arrepiaçam caminho.

Ao Comité chegou a informação de que os corticeiros de São Bartolomeu de Messines aderiram à greve desde o início dela. Porém como só agora chegou a comunicação, é de presumir que em outras localidades os corticeiros hajam declarado a greve e que à Federação do facto ainda não haja conhecimento.

Em virtude de reunirem hoje os industriais pela primeira vez depois da greve, este Comité aguarda as suas resoluções para se dirigir à classe, indicando-lhe a forma de lhe agir.

Também este Comité apela mais uma vez para todas as classes de transporte no sentido de que elas não se prestem a transportar cortiça.

O Comité dirigente da greve protesta energeticamente contra a atitude dos indivíduos que se prestam a traír a greve dos corticeiros, queira substituindo os grevistas, que trabalhando guardados pela força armada.

Viva a greve!

A vante pelas nossas reivindicações!

O Comité.

No Pôo do Bispo

Mantém-se a greve dos corticeiros da área do Pôo do Bispo, que há oito dias se mantém com galhardia.

A classe reúne às 19 horas.

Em Belém

Prossegue a greve dos corticeiros de Belém, não se registrando a mínima defecção.

Em Silves

SILVES, 5.—A greve corticeira manteve-se sem defecções. A classe reuniu-se para apresentar um ofício à Federação Corticeira que estranha que este organismo não se tivesse pronunciado sobre a greve. Como o sindicato daqui enviou comunicação da greve que se declarou no dia 31 do p. m. para a Federação Corticeira, a assembleia protestou contra o extravio da correspondência, certamente com o fim de prejudicar o movimento.

Da conferência havida com alguns industriais, apurou-se que bastantes deles se encontram dispostos a abrir as portas com os salários sem redução. No entanto a classe só retornará ao trabalho quando a Federação o indicar.—

Em Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 6.—Os corticeiros em greve mantêm-se firmes e unidos. Só retomarão o trabalho quando a Federação o determine. O moral dos grevistas é bom.—

Em Messines

MESSINES, 5.—Também os corticeiros desta localidade se encontram em greve, desde há dias. Reúnidos os grevistas em assembleia protestaram contra a baixa de salários que os industriais pretendem levar a efeito.

A greve decorre ordeira. Hoje um indústrial veio à associação declarar que não baixaria os salários. Precisava, no entanto, de quatro quadradores que lhe foram negados por existir a greve que só terminaria quando a Federação o indicar.—

Em Sines

SINES, 5.—Com a coragem do primeiro dia prossegue a greve. Os grevistas continuam a receber a solidariedade dos marítimos.—

Em Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 5.—A greve dos corticeiros iniciada há dias não sofre alteração. Os grevistas estão muito animados e dispostos a só voltarem às fábricas quando forem atendidas as reclamações.—

Em Almada

ALMADA, 6.—Continua sem desfalecimento a greve nesta localidade. Os grevistas só retornam o trabalho quando o comité central da greve o indique, isto é, quando

NO PARAIZO COMUNISTA...

A verdade sobre a situação económica do operariado russo

O descontentamento com os sindicatos «vermelhos»

O descontentamento crescente do proletariado russo faz com que os sindicatos estejam submetidos a uma crítica severa. Os sindicatos estão na Rússia dos soviéticos completamente dependentes do partido comunista e dos órgãos governamentais. O amordacamento e a dependência chegam até ao ponto de alguns chefes considerarem opressivo o sistema da burocracia e do centralismo. Andreief, um membro do comité executivo da União ferroviária russa, viu-se obrigado a submeter os sindicatos vermelhos a uma crítica publicada no *Pravda*, um dos principais órgãos do partido comunista russo, em 19 de Julho.

Ali lê-se:

«O maior perigo que pode ocorrer aos sindicatos consiste em que se pode romper o laço entre a classe operária associada nos sindicatos e os próprios sindicatos; este é o maior de todos os perigos... Conhecemos uma série de factos em que essa ruptura se produziu efectivamente. A prova mais clara dum tal rutherford entre as grandes massas e os sindicatos está, por exemplo, nos últimos conflitos algumas fábricas têxteis, onde a situação foi tal, que dum parte se encontrou a grande massa dos operários e operárias e do outro as nossas organizações. Essa é a perigosa ruptura que temos de evitar, essa é a expressão mais severa e clara do afastamento dos sindicatos com relação às massas».

A causa dessa ruptura entre os operários e os chamados «sindicatos vermelhos», expõe-no Andréief nas seguintes palavras:

«Não devemos calar que actualmente as nossas organizações sindicais e os nossos funcionários dos sindicatos intervêm nas questões dos salários mais ou menos assim: Nós não podemos pagar salários mais elevados, nós demos em tal mês tantos por cento de suplemento, e não podemos aprovar um salário maior...»

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

(Continua) Agostinho SOUCHY

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.

Os sindicatos devem servir dois amos: os capitalistas e os operários. Nos outros países os sindicatos que se põem de parte do patronato chamam-se «amarelos». Na Rússia esses sindicatos chamam-se vermelhos, porém, a sua actividade não pode ser separada da dum sindicato amarelo.

Se só fosse isso, porém! Os sindicatos vermelhos na Rússia são ineptos debaixo de vários pontos de vista. Os funcionários consideram-se como donos dos sindicatos, e aproveitam o seu predominio para viver à custa dos operários. Um rigor centralista permite aos funcionários sindicais fazer e desfazer, sem que os seus membros possam neles exercer o menor «contrôle». Os operários membros dum sindicato têm que pagar as cotas e calar-se. O direito à crítica livre é impedido. Essa atmosfera levou as massas na organização sindical a uma obediência de cãdeira e a arbitrariedades sem escrúpulos por parte dos dirigentes. Uma corrupção se manifestou bem depressa, que degenerou numa verdadeira pragá. Os fundos sindicais têm desaparecido.

Conhecemos casos assombrosos em que os comités de fábrica em conflito entre os operários e a direcção do estabelecimento, declararam que quem não retornar o trabalho será imediatamente despedido. Os sindicatos aspiram principalmente a fazer aparecer a sua actividade perante as autoridades sob um aspecto brilhante.